

SILVA, M. D.; QUIRINO, K. M. S.;

A difusão da cultura negra e sua interface na formação de professores da EJA:  
uma análise sobre as questões étnico-raciais nas escolas de Mariana, MG

autêntica

DOI <https://doi.org/10.31639/rbfpf.v12i23.304>

Recebimento em: 20/11/2019 | Aceite em: 05/02/2020

## ARTIGOS

# A difusão da cultura negra e sua interface na formação de professores da EJA: uma análise sobre as questões étnico-raciais nas escolas de Mariana, MG

Marcelo Donizete da Silva

*Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP, Minas Gerais – Brasil**Marmaio1970@gmail.com**<https://orcid.org/0000-0003-2793-8325>*

Kátia Maria dos Santos Quirino

*Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP, Minas Gerais, Brasil**k1m9s7q6@gmail.com**<https://orcid.org/0000-0002-2540-4453>*

**RESUMO:** Este artigo tem como objetivo, contribuir com a análise acerca produção de um material didático crítico, acerca da cultura negra trabalhada no contexto escolar de Mariana-MG. Intitulada “A difusão da Cultura Negra e sua interface na Formação de Professores da EJA: uma análise sobre as questões étnico-raciais nas escolas de Mariana”, o objeto da análise far-se-á a partir da investigação sistemática dos materiais pensados e propostos, ao que é referente às questões étnico-raciais, para Educação de Jovens e Adultos (EJA). Para esse fim propôs-se também, analisar sobre os fundamentos, ideológicos, das teorias educacionais contemporâneas no que pesa a influência destas na formação de professores e dos jovens das escolas periféricas. Nesse sentido, essa pesquisa terá como base teórica uma perspectiva de cunho crítico que envolve as áreas da Formação de Professores, Epistemologia e teorias educacionais e História da Educação do Negro no Brasil.

**PALAVRAS-CHAVE:** (Educação de jovens e adultos - EJA. Manual didático. Educação para as relações étnico-Raciais. Políticas educacionais. Formação de professores)

## The diffusion of black culture and its interface in eja teacher education: an analysis of ethnic and racial issues in Mariana schools

**ABSTRACT:** This article aims to contribute to the analysis of the production of critical teaching material, about the black culture worked in the school context of Mariana-MG. Entitled “The diffusion of Black Culture and its interface in EJA Teacher Education: an analysis of ethnic and racial issues in Mariana schools”, the object of the analysis will be made from the systematic investigation of the thought and proposed materials, with regard to ethnic-racial issues, for Youth and Adult Education (EJA). To that end, it was also proposed to analyze the ideological foundations of contemporary educational themes in terms of their influence on the training of teachers and young people in peripheral schools. In this sense, this research will have as a theoretical basis a critical perspective that involves the areas of Teacher Education, Epistemology and educational theories and History of Black Education in Brazil.

**KEYWORDS:** (Youth and adult education - EJA. Didactic manual. Education for ethnic-racial relations. Educational policies. Teacher training).

## La difusión de la cultura negra y su interfaz en la formación de docentes eja: un análisis de los problemas étnicos y raciales en las escuelas de Mariana

**RESUMEN:** Este artículo tiene como objetivo contribuir al análisis de la producción de material didáctico crítico, sobre la cultura negra trabajada en el contexto escolar de Mariana-MG. Titulado «La difusión de la cultura negra y su interfaz en la formación de docentes EJA: un análisis de los problemas étnicos y raciales en las escuelas de Mariana», el objeto del análisis se realizará a partir de la investigación sistemática del pensamiento y los materiales propuestos, con respecto a los problemas étnico-raciales, para la Educación de Jóvenes y Adultos (EJA). Con este fin, también se propuso analizar los fundamentos ideológicos de los temas educativos contemporáneos en términos de su influencia en la formación de docentes y jóvenes en las escuelas periféricas. En este sentido, esta investigación tendrá como base teórica una perspectiva crítica que involucra las áreas de Educación Docente, Epistemología y teorías educativas e Historia de la Educación Negra en Brasil.

**PALABRAS-CLAVE:** (Educación de jóvenes y adultos - EJA. Manual didáctico. Educación para las relaciones étnico-raciales. Políticas educativas. Formación del profesorado)

## INTRODUÇÃO

Atualmente, o desenvolvimento das pesquisas em educação tem focado seus estudos, na análise dos paradigmas que são apresentados como fomentadores de uma nova prática pedagógica. Esta análise, no que refere à produção do pensamento e da ciência educacional, visa discutir sobre o método de ensino e, desse modo, a questão central está em promover o debate acerca das teorias que tematizam sobre a questão educacional contemporânea. Entendemos, nesse sentido, que para o contexto da educação brasileira, a análise acerca das teorias educacionais se faz necessária, na medida em que se pensam as transformações do trabalho docente, bem como a formação do sujeito para o exercício de sua prática, profissional, política e social.

Neste rol de teorias que versam sobre o debate educacional colocamos em evidência o paradigma emergente da complexidade de Edgar Morin, objeto de nosso estudo, Silva (2012), no qual trataremos da temática em questão, ou seja, o problema da diversidade no tocante a produção dos manuais didáticos, ainda se ancora na concepção reducionista da vida humana atrelada à realidade do trabalho. Em nosso caso, a condição da negritude ainda se assenta aos eixos da escravidão. No contexto da crítica acerca das ciências da educação, o viés ideológico do pensamento complexo, retorna ao centro da discussão educativa como fundamento das transformações políticas desse tempo. Isso significa dizer que, toda forma de compreensão da educação estaria ligada as formas de constituição dos paradigmas segundo Kuhn (2011), fato que poderia levar transformação das relações sociais, políticas e culturais. Na análise de Alves (2008 p. 08) acerca da questão exposta, principalmente ao que se refere à chamada democratização dos sistemas educacionais, o autor comenta que:

Ao frisar a necessidade de politização dos educadores especialistas de nosso tempo, toca-se algo essencial que tem passado, pela repetição acrítica, por uma banalização perniciosa: trata-se da *formação do educador para o exercício da cidadania*. Tornou-se lugar comum o reconhecimento de que a formação básica assumiu a condição de elemento central na educação do trabalhador, inclusive daqueles que exercem atividades de ensino. Se essa é a tendência, cabe uma consideração mais detida sobre o seu significado, em especial porque a formação básica passou a ser admitida, tacitamente também, como uma necessidade imanente à educação de todos os cidadãos. Logo, sob pena de transformar-se num chavão, numa expressão vazia de sentido e abstrata, emerge a necessidade de afirmar-se o conteúdo da formação para a cidadania. Essa formação é um processo que implica não somente uma prática cidadã fundada na imitação dos demais cidadãos. Se, em todas as épocas, a dimensão da imitação exerceu um expressivo papel na formação do homem, hoje por si ela não basta. Sobretudo para o decantado *“exercício consciente da cidadania”*, o homem carece de entendimento acerca de como funciona a sociedade.

Nesse sentido, a proposta apresentada para esse artigo terá como eixo norteador a discussão iniciada na pesquisa que realizamos acerca dos manuais didáticos do Ensino Fundamental sobre o título “Uma análise das teorias educacionais e seus impactos na formação étnico-raciais na escola nas políticas educacionais e nos manuais didáticos para formação infantil” e cuja discussão se assentou na questão epistemológica da educação. E essa proposta se baseou na continuidade da atividade de pesquisa na Modalidade EJA para compreender os seus impactos na realidade escolar. Isto é, como as teorias educacionais, imbuídas pela perspectiva do material didático, são absorvidas na escola, de modo especial nas escolas periféricas? Quais os seus impactos na formação dos jovens quanto à sua condição histórico social? Como essas teorias influenciam na produção do pensamento dos jovens, em especial aos oriundos da EJA (Educação de Jovens e Adultos), que se encontram marginalizados do processo social na realidade Mariana? Como os Professores têm trabalhado com essa questão quais com seus alunos e quais as possibilidades de transformação desta realidade?

Entendemos, nesse sentido, que na análise das questões expostas ter-se-á como tese que, as teorias educacionais podem ser anunciadoras de discursos que legitimam as formas de dominação que perduram, historicamente, na realidade escolar e por sua vez, mantém intacta a exclusão de muitos. Assim, compreender as questões estruturais dessas teorias poderá auxiliar na reflexão sobre a formação dos jovens, principalmente no que se refere ao trabalho docente e no que está disposto nas propostas pedagógicas. Com o avanço das políticas neoliberais pode ser perceptível a produção das teorias ainda carrega ranços da ideologia dominadora que massifica a grande maioria da população negra no contexto escolar.

## 1. UM ESTUDO SOBRE O MANUAL DIDÁTICO PRESENTE NA REALIDADE ESCOLAR DE MARIANA.

Analisar sobre a concepção histórica da EJA é questão fundamental para entendê-la como eixo central de formação das camadas populares, sobretudo da população negra e pobre das regiões periféricas. Foi nas décadas de 1960 e 1970 por meio da proposta e o ensino de Paulo Freire que despertou na população uma forma de emancipação, reivindicando uma melhora de condição de vida contra a carestia. A partir da redemocratização e abertura política no Brasil, nos anos 1980, o processo educacional quanto à alfabetização passa a ser incorporada nas diversas matrizes da área educacional, neste sentido, a EJA “[...] surgiu como uma alternativa à escola tradicional, escola esta que havia expulsado aqueles que havia “perdido” a época regular de fazerem seus estudos[...]” (FREITAS, 2007, p. 56).

Com base nos estudos de Freire (1990) e na crítica aos eixos matriciais da teoria da complexidade Silva (2012), a análise aqui estará ancorada em uma pesquisa bibliográfica de caráter qualitativo acerca da produção do manual didático. Nesse sentido, a proposta será de uma reflexão crítica sobre a temática das relações étnico-raciais trabalhadas na Educação de Jovens e Adultos (EJA), de modo especial nas questões presentes nos livros didáticos e sua interface com o trabalho docente no contexto da sala de aula. O trabalho se insere nas discussões acerca da Difusão das relações étnico-raciais na sociedade brasileira, tendo como universo de estudo as Escolas Municipais de 6º ao 9º da cidade de Mariana- MG.

Destarte, temos a lei 10.639/03 que instituiu o ensino da cultura e história africana e afro-brasileira bem como o ensino das relações étnico-raciais, como um marco para a afirmação da diversidade dentro do ambiente escolar. Essa diversidade subjaz o discurso pós-moderno presente nas teorias educacionais que tergiversam sobre os principais problemas da educação brasileira. A ausência da figura do negro no Livro Didático numa condição social favorável pode contribuir significativamente para a construção da baixa autoestima das pessoas negras e pode ajudar a alimentar o racismo tão presente em nossa sociedade. Nessa lógica, presente nos eixos estruturais do Manual percebemos o problema entre a questão real, e o discurso presente no mesmo para formação da população negra das regiões periféricas.

Por se tratar de uma pesquisa de continuidade, esse trabalho se justifica devido à necessidade de buscar o entender: 1) as formas pelas quais os alunos/alunas da Educação de Jovens e Adultos (EJA) lidam com as questões étnico-raciais em sua formação; e 2) como se dá a compreensão da sua realidade a partir da representação negativa do processo de educação inclusiva, tendo em vista a condição de formação deste sujeito nas escolas de Mariana-MG, de modo especial os alunos negros, que buscam por essa inclusão. Nesse sentido, nesse trabalho buscamos apontar como se deu e dá a construção da imagem deste sujeito no processo de sua formação, considerando sua origem, dilemas e escolhas em determinados momentos de sua vida para refletir na presente situação. Em sua grande maioria, os alunos da EJA se caracterizam por serem trabalhadores; preservam os laços familiares de tradição cristã além da manutenção desta tradição pela necessidade do trabalho.

Os debates acerca das questões raciais presentes no discurso da transversalidade<sup>1</sup> em especial no que está disposto nos materiais didáticos, não deixam transparecer a problemática histórica da formação da consciência social da sociedade brasileira. Nesse sentido, a defesa sobre os conceitos e não a análise da problemática histórica tem as suas repercussões na situação presente no contexto escolar. É evidente, que a população tem os seus direitos garantidos pelas políticas sociais, ainda se encontram distantes do processo de equalização das relações humanas e sociais. Nossa crítica se fundamenta na busca pela compreensão dos porquês da produção deste ideal da equidade ainda não atingiram os seus reais objetivos, no processo de uma sociedade justa e igualitária para maioria da população.

## 2.0 – ANÁLISE DIDÁTICA: OS ACHADOS DA PESQUISA

Os Livros Didáticos não podem mais deixar de contar essa história, pois, ainda percebemos que muitas escolas não tratam da temática como deveriam. Em parte, essa lacuna se deve há falta de informação e formação dos professores, que não repassam a informação porque não as tem. A educação de jovens e adultos se encontra limitada a concordância e manifesto do livro didático, qual em suas preposições não abrangem as necessidades do aluno qual está inserido neste contexto educacional; o livro didático não abrange nem tão pouco atende de forma intensiva essa problemática existente na educação de jovens e adultos.

O problema foi delimitado para dentro do âmbito escolar, para entender a escola como um meio de emancipação do indivíduo e um ponto de encontro e formação de diversas identidades sociais, tendo, a partir dessa concepção, uma proeminência na formação cidadã voltada para a compreensão da pluralidade étnica e cultural brasileira. Afinal, é com o auxílio da educação que se pode oferecer tanto aos jovens como aos adultos a possibilidade de questionar e desconstruir os mitos de superioridade e inferioridade entre grupos humanos, que foram neles projetados pela cultura racista na qual foram socializados (MUNANGA, 2005). Como salienta, em um manual de combate ao racismo nas escolas, o sociólogo e ex-presidente da república do Brasil Cardoso apud Munaga (2005), não há preconceito que resista à luz do conhecimento e estudo objetivo, que proponha um diálogo que respeite a pluralidade étnica e cultural.

Neste caso, há que se considerar a dimensão política desta formação, isto é, há a necessidade de posicionamento dos professores sobre a leitura da realidade de sua trajetória de formação, da situação da escola pública e dos encaminhamentos que devem surgir a partir da reflexão deste seu novo olhar. No que se refere à diversidade de saberes, avanço tecnológico, da velocidade de mudança de conhecimento, da universalização e democratização do ensino, a escola, como instituição de formação de indivíduos, deve priorizar o trabalho pedagógico através da interiorização de uma leitura de sua realidade em um primeiro momento e concomitantemente a sua problematização. Em linhas gerais deve-se promover a práxis social

Se as identidades sociais são construídas, elas estão sujeitas às mudanças, a um processo de reposicionamento e reconstrução constantes e, nesse sentido, considerando a relevância da instância educativa e do espaço escolar, é possível pensarmos que este pode ser potencialmente um lugar de reprodução e/ou transformação social. O autor afirma que: “As identidades sociais construídas nas escolas podem desempenhar um papel importante na vida dos indivíduos quando depararem com outras práticas discursivas nas quais suas identidades são reexperienciadas ou reposicionadas” (LOPES 2002 p.38).

<sup>1</sup> O grande desafio da escola é investir na superação da discriminação e dar a conhecer a riqueza representada pela diversidade etnocultural que compõe o patrimônio sociocultural brasileiro, valorizando a trajetória particular dos grupos que compõem a sociedade. Nesse sentido, a escola deve ser local de diálogo, de aprender a conviver, vivenciando a própria cultura e respeitando as diferentes formas de expressão cultural. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro081.pdf>

A análise de três manuais didáticos que apresentaremos a seguir e que fazem parte do contexto das escolas mencionadas mostram que a aparição do negro em seu conteúdo tem um espaço estritamente as simbologias religiosas e diversidades de costumes, além disso, o negro sendo representado como instrumento de trabalho onde este indivíduo passa a ser mais um objeto dispensável ao perder sua utilidade com o decorrer dos anos e com o avanço de sua idade. Nesse ponto, questionamos assim como Silva (2012b) sobre o problema do diverso. Dentre estas observações os manuais didáticos referidos não atendem há uma necessidade específica da EJA (Educação de Jovens e Adultos), que é mostrar para o negro seu valor e importância na construção da sociedade, deixando evidente a exclusão da importância deste indivíduo no âmbito escolar e social.

Pensar, nesse sentido, no ambiente escolar na perspectiva da educação das relações étnico-raciais é estar comprometido com um projeto de sociedade, de homem e de mundo que contemplem toda a sociedade civil, buscando a igualdade de oportunidades, consideradas as diferenças e necessidades específicas de cada um, e que muitas desigualdades e exclusões que se constituíram historicamente só poderão ser mudadas e ressignificadas com ações específicas. “tentando mudar o curso da história” com: 1) políticas de reparações e de reconhecimento formação programas de ações afirmativas; 2) políticas dirigidas a correção das desigualdades raciais; e 3) políticas sociais, orientadas para a oferta de tratamento diferenciado com vistas a corrigir desvantagens criadas e mantidas por uma estrutura social, excludente e discriminatória.

## 2.1 – MANUAL DIDÁTICO EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS, ALCANCE EJA ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL.

Os livros didáticos analisados Educação de Jovens e Adultos, em LOBO, Andreia. **Educação de Jovens e Adultos, Alcance EJA Anos Finais do Ensino Fundamental**. Editora Positivo: Curitiba – PR 2013, a representatividade do negro se encontra no capítulo 06 entre as páginas 38 à 44. Há questões relacionadas a temática em questão; este manual traz a Diversidade como fator de Identidade Nacional, há um engajamento na discussão neste manual que enaltece a presença indígena na sociedade e seus costumes, mas esta discussão não é tão abrangente quanto a questão étnica cultural no que diz respeito ao negro, ou ao descendente africano como o próprio manual trata, os negros presentes aqui no Brasil. Essa diversidade aparece na discussão meramente para tratar de suas comidas típicas, enaltecendo a cultura afro-brasileira através da representatividade que as etnias de origem africanas exerceram e exercem, estão evidenciadas em suas culinárias. Uma outra representação que aparece neste exemplar é a representação religiosa por parte desses indivíduos como por exemplo: A Influência Iorubá, que vieram para o Brasil originários da região da Nigéria; O candomblé também está nesta discussão sobre representação religiosa como sendo originado dos iorubas e vindo também de uma determinada região da Nigéria.

Neste exemplar a adversidade aparece no processo de colonização do Brasil quando os portugueses trouxeram muitos trabalhadores de origem africana de sua terra natal para onde foram designados para todo o tipo de serviço escravizado. Esta adversidade também está presente na separação de familiares, sendo obrigados a parte de atos católicos como por exemplo: Batismo; a língua falada também é outra adversidade presente neste manual. Mas a questão do negro no Brasil em sala de aula não existe uma contextualização sobre este tema, e tão pouco se discute o engajamento das relações étnicas culturais e raciais nas escolas acima pesquisada através deste manual didático. Essa inclusão se faz necessário no âmbito escolar e nos manuais didáticos, com professores preparados para tornar essa discussão abrangente, com o intuito de informar e conscientizar os alunos a participar dessa discussão na perspectiva de entender seu papel na sociedade.

### 2.1.2 – MANUAL DIDÁTICO COLEÇÃO TEMPO DE APRENDER, EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL VOL.1.

Na coleção **Tempo de Aprender, Educação de Jovens e Adultos** 6º Ano do Ensino Fundamental Volume 1 Multidisciplinar autores, Edimar Araújo Silva e José Wagner de Melo, das páginas 212 à 219 no capítulo 4 da Unidade 2; neste exemplar a questão racial não aparece nem mesmo quanto ao trabalho escravo, apenas um fragmento retirado de nossa constituição da República Federativa-1988 cap.1- dos direitos e deveres individuais e coletivos; traz um exemplo desses direitos no: Art:05 Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e estrangeiros residentes no país a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à segurança e a igualdade (...) (Silva 1989 p.118).

Diante deste fragmento da nossa constituição fica evidente que nossa realidade quanto aos direitos dos coletivos não está sendo exercido de forma coerente, uma vez que a constituição prevê o direito de igualdade, porém não é esta a realidade nos dias atuais. Neste exemplar analisado, a questão da diversidade cultural e racial não está posta de forma clara para o leitor, o artigo utilizado da constituição está bem simplificado ressaltando direitos e deveres do cidadão, mas não há um engajamento de abarcar no contexto didático a discussão da questão étnico cultural e racial, uma vez que no manual analisado esta questão não se sobre põe das demais ou igualmente torna evidente o distanciamento da pluralidade de valores iguais. O assunto tratado no manual didático não deixa transparecer a necessidade de uma discussão que seja abrangente na valorização do indivíduo negro como sujeito de valor e suas contribuições na formação da sociedade. Ihe são negadas por falta ou ausência de relatos em manuais didáticos no espaço escolar.

### 2.1.3 – MANUAL DIDÁTICO COLEÇÃO TEMPO DE APRENDER, EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL VOL.4.

Na coleção **Tempo de Aprender volume 4 Multidisciplinar**, Educação de Jovens e Adultos 9º do ensino fundamental, autores Edimar Araújo Silva e José Wagner de Melo, este manual traz questões importantes a serem observadas que abordam as questões sobre a escravidão relatando que essa prática não se deu apenas na África, mas também essa prática de trabalho escravo se deu na Grécia e em Roma, reforçando que o trabalho escravo sustentou a economia. Págs, 208,209; Já no continente americano populações africanas eram escravizadas por suas metrópoles e comercializadas na América. Entretanto não há uma valorização do negro, mas, apenas relatos de formas de escravidão, este manual traz em seu contexto tópicos textuais onde diz: "...que a diferença social entre os homens era natural, não havendo qualquer contradição na divisão que se impunha entre o trabalho manual exercidos pelos escravos e as atividades intelectuais e políticas. (vários autores. para filosofar.SP:Scipione,1995,p.151.).

#### 2.1.3.1 – OS ESCRAVOS SENDO COLOCADOS COMO MÃOS E PÉS DE SEU SENHOR:

Os negros trabalharam em diversas situações econômico-sociais, desde tarefas difíceis nas fazendas onde a prática de agricultura através das plantações até a exportação de gêneros tropicais como: algodão, fumo, café, cana-de-açúcar e etc. pág. 218, uma imagem ilustrativa de Jean Baptiste Debret retratando em gravuras o trabalho escravo no engenho de cana de açúcar, através de sua ilustração, Debret mostra que os escravos realizavam todo o tipo de trabalho físico e manual considerado como inferior pela sociedade da época. Entretanto traz relato das formas de escravidão e de como essas práticas foram disseminadas até pela igreja. Este manual evidencia a força do trabalho escravo, mas não traz questionamentos quanto à valorização deste indivíduo na sociedade.



Ainda no manual em questão, há um exercício de fixação ou de interpretação de texto para cada tópico apresentado, sobre o tema escravidão dessa forma tornando possível uma discussão em sala de aula pelos docentes com o intuito de instigar os alunos a participarem da discussão numa tentativa de fortalecer o reconhecimento do negro na construção da economia social da sociedade através de sua força de trabalho. É importante lembrar que a escravidão não é apenas uma triste memória, no início do século XX se pensava que a escravidão estava quase erradicada em todo o mundo, mas não é essa a realidade, pois a escravidão perpassa e adquire outras formas, atravessam fronteiras e tenta resistir através dos tempos, Livro Didático pág. 222 a erradicação da escravidão só será possível através da formação de pensadores que sejam capazes de instigar nas escolas essa discussão nas salas de aulas, fazendo com que os ouvintes possam passar a pensar no assunto com propriedade de saber e sejam capazes de reproduzir uma discussão que possa contextualizar práticas de reconhecimento deste indivíduo. Além disso, a presença do negro nos manuais didáticos analisados evidencia a sua ausência na história dessa construção.

## **2.2 – ARTICULAÇÃO ENTRE O DEBATE POLÍTICA E AS QUESTÕES ÉTNICO-RACIAIS: O ESTUDO QUALITATIVO DOS MANUAIS.**

A ação política junto aos oprimidos tem de ser, no fundo, “ação cultural” para a liberdade, por si mesmo, ação com eles. A sua dependência emocional, fruto da situação concreta de dominação em que se acham e que gera também a sua visão inautêntica do mundo, não pode ser aproveitada a não ser pelo opressor. Este é que se serve desta dependência para criar mais dependência. (FREIRE. 1987).

Segundo Cavalleiro no livro Racismo e Anti-Racismo (2002 p16.), de acordo com o Instituto de Estudos Raciais e Étnicos o IERE a história da sociedade brasileira está fortemente vinculada às questões raciais. Numa Multicultura, o que tem gerado várias tensões por parte integrante da elite brasileira que são resultados de diversos conflitos raciais e preconceituosos, esses conflitos ainda segundo a autora se evidenciaram também nos Estados Unidos e outros países, explicando que o movimento Eugênia trouxe explicação de tais fenômenos; que pessoas utilizavam da cor da pele para se auto beneficiar umas melhores que as outras, desqualificando o outro por causa de sua cor.

Em determinados espaços podemos evidenciar a reprodução desse preconceito e a manutenção do racismo, Casa, Família, Escola, Igreja e Estado esses ambientes bem como as classes sociais que constituem a nação, reproduzir o preconceito através de expressões: tinha que ser negro mesmo (preto), como se um indivíduo de cor branca nunca tenha cometido nenhum erro, há um olhar diferenciado na sociedade ainda nos dias atuais quanto a questão racial.

“Não haveria oprimidos, se não houvesse uma relação de violência que os conforma como violentados, numa situação objetiva de opressão” (FREIRE, 1987, p.23). Os oprimidos se conformam, se acomodam e aceitam a violência com que são tratados, não procuram enxergar a realidade ao seu redor, aceitam tudo com facilidade, são humilhados pelos opressores aceitem tais humilhações e não questionam seus direitos de conquista de seu espaço.

O que têm sido produzidos nos ambientes escolares com o intuito de não alimentar o crescimento contínuo do preconceito racial quanto à desvalorização do negro em seu ambiente ou fora dele? Ainda segundo Paulo Freire. Em todo o contexto de seu livro, o autor busca mostrar como a educação no Brasil produz um fetiche social, reproduzindo a desigualdade, a marginalização e a miséria. Ele coloca que o ensinar a não pensar é algo puramente planejado pelos que estão no poder, para que possam ter em suas mãos a maior



quantidade possível de oprimidos, que se sentindo como fragilizados, necessitam dos que dominam para sobreviverem. Mas como poderá o homem sair da opressão se os que nos “ensinam” são também aqueles que nos oprimem? No desenvolver de seu livro, Paulo Freire procurar conscientizar o docente do seu papel problematizador da realidade do educando.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sob o arcabouço teórico apresentado é que apresentamos nossas conclusões; realizamos uma pesquisa de cunho qualitativo, uma vez que o referencial teórico proposto esteve ancorado aos fundamentos da crítica histórica a luz do pensamento freireano. Nesse sentido, essa proposta seguiu a seguinte metodologia: 1) levantamento bibliográfico, leitura e produção textual acerca do material pesquisado; 2) levantamento sobre a produção do manual didático para EJA no que se refere à discussão da questão étnico-racial; 3) estudo e realização de atividades no campo nas escolas de Mariana que oferecem a EJA para analisar impactos destes na formação dos professores e alunos; 4) realização de atividades e desenvolvimento de materiais que atendam a necessidade de formação dos alunos e. 5) levantamento de teses e dissertações relacionadas ao tema que auxiliem na análise acerca da produção do pensamento negro na cidade de Mariana, além da problemática desta questão na análise das políticas ação afirmativa.

É necessário dizer que, para os avanços da pesquisa e do desenvolvimento das tecnologias, assim como nos coloca Alves (2008 p. 08)

[...] a introdução das novas tecnologias da comunicação e informação determina uma mudança profunda no trabalho didático. Começa por lhe impor uma nova divisão do trabalho. Com isso, o professor tal qual o conhecemos tende a ser deslocado da relação educativa. Os novos programadores do ensino quase sempre não têm visibilidade. São especialistas, recolhidos em seus gabinetes, produzindo as prescrições didáticas e organizando os conteúdos a serem transmitidos no âmbito do trabalho didático.

No que se refere ao desenvolvimento das questões tecnológicas, entende-se que a produção do pensamento é parte fundamental para se compreender as transformações dos processos educacionais. Segundo Silva (2012b p. 177) “A escola, ainda é o espaço fundamental de produção do conhecimento crítico, desde que a entendamos, também, como o locus onde as problemáticas do contexto histórico e social se materializam. Por essa razão, ela explicita claramente esse espaço da crítica às contradições sociais”. Nesse sentido, a análise acerca da produção do manual didático se faz relevante, até porque caracteriza um fato importante, segundo Alves (2008), do problema do anacronismo existente no contexto escolar, fato que não transparece o problema da exclusão presente neste contexto.

O processo de formação dos professores, em nossos dias, só faz reiterar essa dissonância. Por continuarem reproduzindo a organização manufatureira do trabalho didático e, ao mesmo tempo, por induzirem à crença em uma autonomia do docente na direção do processo de formação de crianças e jovens, os cursos de formação e treinamento de professores produzem profissionais que realizam diuturnamente, também eles, uma prática que reforça a dissonância. Esses cursos são fundamentais, portanto, para manter a escola manufatureira tal como se encontra e, ao mesmo tempo, para cultivar o mito do professor que impõe direção autônoma ao trabalho didático. Em resumo, por aferrarem a escola ao passado e por resistirem à mudança, esses cursos de formação e treinamento de professores são politicamente reacionários. (Alves 2008 p)

Do ponto de vista da produção da ciência, a análise crítica acerca dos manuais é relevante porque toca diretamente na questão dos temas transversais propostos para a discussão dos problemas escolares. No entanto, ao se falar em transversalidade o que significa discutir sobre a temática étnico-racial a partir deste viés se a situação dos negros perpassa toda uma situação histórica, que carrega consigo os ranços de uma realidade patriarcal e excludente como a brasileira? Assim, é fato dizer que o manual didático tem uma função

ideológica que se constituiu desde a gênese proposta por Comenius; sua função fora a de reproduzir os ideais da sociedade manufatureira, cujo objetivo estava em apropriar-se dos domínios da produção, porém manter a exclusão como questão precedente da realidade escolar<sup>2</sup>. Grosso modo, a escola se tornou objeto de obrigatoriedade política, porém, as diferenças no processo de formação das relações sociais divergem, quanto aos objetivos da escola.

A produção dos manuais didáticos tem como principal eixo norteador, os fundamentos das teorias educacionais contemporâneas. Isso significa dizer que o viés ideológico presente no escopo dos mesmos é pertinente aos principais objetivos da agenda da pós-moderna para educação. Desse modo, a discussão sobre a raça passa pela valorização das diferenças étnicas culturais, por sua vez, as formas de dominação dos sistemas produtivos e a imposição ideológica dos sistemas dominadores sobre a condição dos negros e trabalhadores não transparecem na discussão proposta. No campo das transformações dos sistemas de produção, descaracterizar a teoria, como forma de empobrecimento das questões emergenciais da educação, é base na qual estão assentados os discursos reformadores da agenda pós-moderna, cujo objetivo está em desviar o foco da análise para fatores desconexos com a problemática da educação. Desse modo, o problema das diferenças não podem ser resolvidos, nesse sentido, apenas com as políticas de Ação-Compensatória, mas também com o trabalho vivo do professor que busca compreender quais os principais objetivos do que se projeta como ideal educativo para sociedade brasileira.

A relevância deste artigo se coloca, nesse sentido sobre essa dimensão, a de compreender os métodos e processos da produção do manual didático para o debate acerca das relações étnico-raciais, no trabalho com alunos da EJA, e sua interface com as teorias educacionais contemporâneas, em especial a discussão da complexidade. Nesse sentido, o objetivo desta pesquisa será o de contribuir com o debate acerca da produção do pensamento pedagógico, seu estado da arte, no que se refere ao trabalho docente. Espera-se com esse trabalho, contribuir com a crítica aos fundamentos, que hoje se apresentam como transformadores da realidade educacional, mas que carrega, em sua essência, o problema ideológico das formas de dominação dos sistemas produtivos.

2 Ao mesmo tempo em que se constata o grande número de grupos de pesquisa centrados na temática formação de professores, no Brasil, verifica-se que a produção do conhecimento basicamente reitera a forma de se fazer educação dentro das escolas. Assim sendo, contribui, sobretudo, à reprodução da anacrônica organização do trabalho didático dominante e não à sua transformação. (Op Cct. p.)

## REFERÊNCIAS

ALVES, Gilberto Luiz. O trabalho didático na escola moderna: formas históricas. Campinas, SP: Autores Associados. 2005.

ALVES, Gilberto Luiz. FORMAÇÃO DE PROFESSORES: UMA NECESSIDADE DE NOSSO TEMPO? Disponível em: [http://www.histedbr.fae.unicamp.br/revista/edicoes/31/art08\\_31.pdf](http://www.histedbr.fae.unicamp.br/revista/edicoes/31/art08_31.pdf)

BENTO, Maria Aparecida Silva, Cidadania em Preto e Branco discutindo as relações raciais. Ática Editora, São Paulo 2001.

BRASIL, Ministério da Educação (MEC). Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/orientacoes\\_etnicoraciais.pdf](http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/orientacoes_etnicoraciais.pdf)

BRASIL. Ministério da Educação (MEC) Orientações e ações para a educação das relações étnico-raciais. Brasília, 2006.

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos (Org.). Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola. São Paulo: Summus, 2001.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. Editora Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1987.

FREIRE, Paulo Educação como prática da liberdade. 11e. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Esperança: Um encontro com a Pedagogia do Oprimido. Editora Paz e Terra, Rio de Janeiro 1993.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários a prática educativa, Editora Paz e Terra, São Paulo, 2007.

FREITAS, Maria de Fátima Q. de. Educação de jovens e adultos, educação popular e processos de conscientização: intersecções na vida cotidiana. Educar, Curitiba, n. 29, p. 47-62, 2007. Editora UFPR

GODOI, Guilherme C. de Souza. O Recorte Étnico-Racial na Cobertura Social Brasileira: uma ausência flagrante. Disponível em: [http://www.usp.br/nce/wcp/arq/recoedeetnicoracial\\_4texto.pdf](http://www.usp.br/nce/wcp/arq/recoedeetnicoracial_4texto.pdf)

GOMES, Nilma Lino. Escola e diversidade étnico-cultural: um diálogo possível. In: DAYRELL, Juarez (Org.). Múltiplos olhares sobre educação e cultura. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.

GOMES, Nilma L. Relações Étnico-Raciais, Educação e Descolonização dos Currículos Currículo sem Fronteiras, v.12, n.1, pp. 98-109, Jan/Abr 2012

GONÇALVES, Clézio R, GOMES, Janaína D. e MUNIZ, Kassandra da S. (Orgs.) Pensando Áfricas e suas Diásporas: aportes teóricos para a discussão negro-brasileira. Belo Horizonte, Nandyala 2015.

KUHN, Thomas S. A estrutura das revoluções científicas. 10. ed. São Paulo: Perspectiva 2011.

LOBO, Andreia. Educação de Jovens e Adultos, Alcance EJA Anos Finais do Ensino Fundamental. Editora Positivo, Curitiba – PR 2013.

LOPES, Paulo da M. Identidades Fragmentadas: a construção de raça, gênero e sexualidade na sala de aula. Mercado das Letras, Campinas 2002 (Col. Letramento, Educação e Sociedade).

MÉSZÁROS. Istvan. A Educação para Além do Capital. São Paulo, Boitempo Editorila, 2005.

MORAES, Maria. C. Pensamento Eco-Sistêmico: educação, aprendizagem e cidadania no século XXI. Petrópolis-RJ, Vozes 2ª ed., 2008.

MORIN, Edgar. Os Sete Saberes necessários à Educação do Futuro. Brasília DF UNESCO, São Paulo: Ed. Cortez, 2003.

MUNANGA, Kabengele. Educação e Relações Raciais: discutindo algumas estratégias de atuação: Superando o Racismo na escola. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, Brasília: 2005.

MUNANGA, Kabengele. Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra. – 3. Ed. – Belo Horizonte: Autêntica. 2008.

REIS, Luis C. D. dos. E SILVA, Marcelo D. da A formação étnico-racial nas escolas públicas de Mariana Os ecos da Lei 10.639/03 São Paulo, Novas Edições Acadêmicas 2015.

SANTOS, Isabel Aparecida. A responsabilidade da escola na eliminação do preconceito racial: alguns caminhos. In: CAVALLEIRO, Eliane (org.) Racismo e anti-racismo na educação – repensando nossa escola. São Paulo: Summus, 2001.

SILVA, Eliana Ribeiro da. Leitura da palavra e Leitura do mundo: os desafios da leiturização na universidade. Dissertação de Mestrado, programa de pós em educação PUC-São Paulo, São Paulo 2005.

SILVA, Marcelo D. da A Miséria Ideológica dos Paradigmas Educacionais Contemporâneos: os modismos do pensamento complexo. In BATISTA, Eraldo et all (orgs) Desafios de Perspectivas das Ciências Humanas na Atuação e na Formação Docente. Jundiaí-SP, Paco Editorial 2012 p. 109-126.

SILVA, Marcelo D. da Educação Ideologia e Complexidade: contribuição para a crítica ao pensamento de Edgar Morin e sua interface com a educação brasileira. Jundiaí-SP, Paco Editorial, 2012b.

SILVA, Marcelo D. da e LOPES, Jussara. Fundamentos das Políticas Públicas para as relações étnico-raciais. In GONÇALVES, Clézio R. e MUNIZ, Kassandra da S. (Orgs.) Educação como Prática da Igualdade Racial na Escola. Belo Horizonte, Mazza Edições.

SILVA, Rogério Forasteri da. Histórico das Constituições Brasileiras. Editora Núcleo, São Paulo 1989.

SILVA, Thalles Ricardo de Melo Coleção Tempo de Aprender, Educação de Jovens e Adultos 6º Ano do Ensino Fundamental Vol.1 Editora Global,

SILVA, Thalles Ricardo de Melo Coleção Tempo de Aprender, Educação de Jovens e Adultos 9º Ano do Ensino Fundamental Vol.4 Editora Global,

SILVA, Thales Ricardo de M. As Relações Étnico-raciais no Ensino de Jovens e Adultos: Educação de Jovens e Adultos Dissertação de Mestrado UFSM – 2017

STRECK, Danilo R, REDIN. Euclides, ZITKOSKI. Jaime J. (orgs) Dicionário Paulo Freire, Editora Autêntica 2ª Ed., São Paulo, 1992.

SILVA, M. D.; QUIRINO, K. M. S.;

A difusão da cultura negra e sua interface na formação de professores da EJA:  
uma análise sobre as questões étnico-raciais nas escolas de Mariana, MG

Formação Docente – Revista Brasileira de Pesquisa sobre Formação de Professores

Vol. 12, nº. 23 (p. 143-156) 30 abr. 2020